

SALÃO DA TRINDADE

DOMINGO, 27 DE MARÇO, GRANDE CONCERTO EM BENEFICIO DO PROFESSOR

JOSÉ ANTONIO VIEIRA



Ainda não ha muito tempo que o encontravamos por ahi, esse rapaz activo e trabalhador, distinctissimo professor de musica, a quem o dia mal chegava para leccionar dezenas de discipulos.

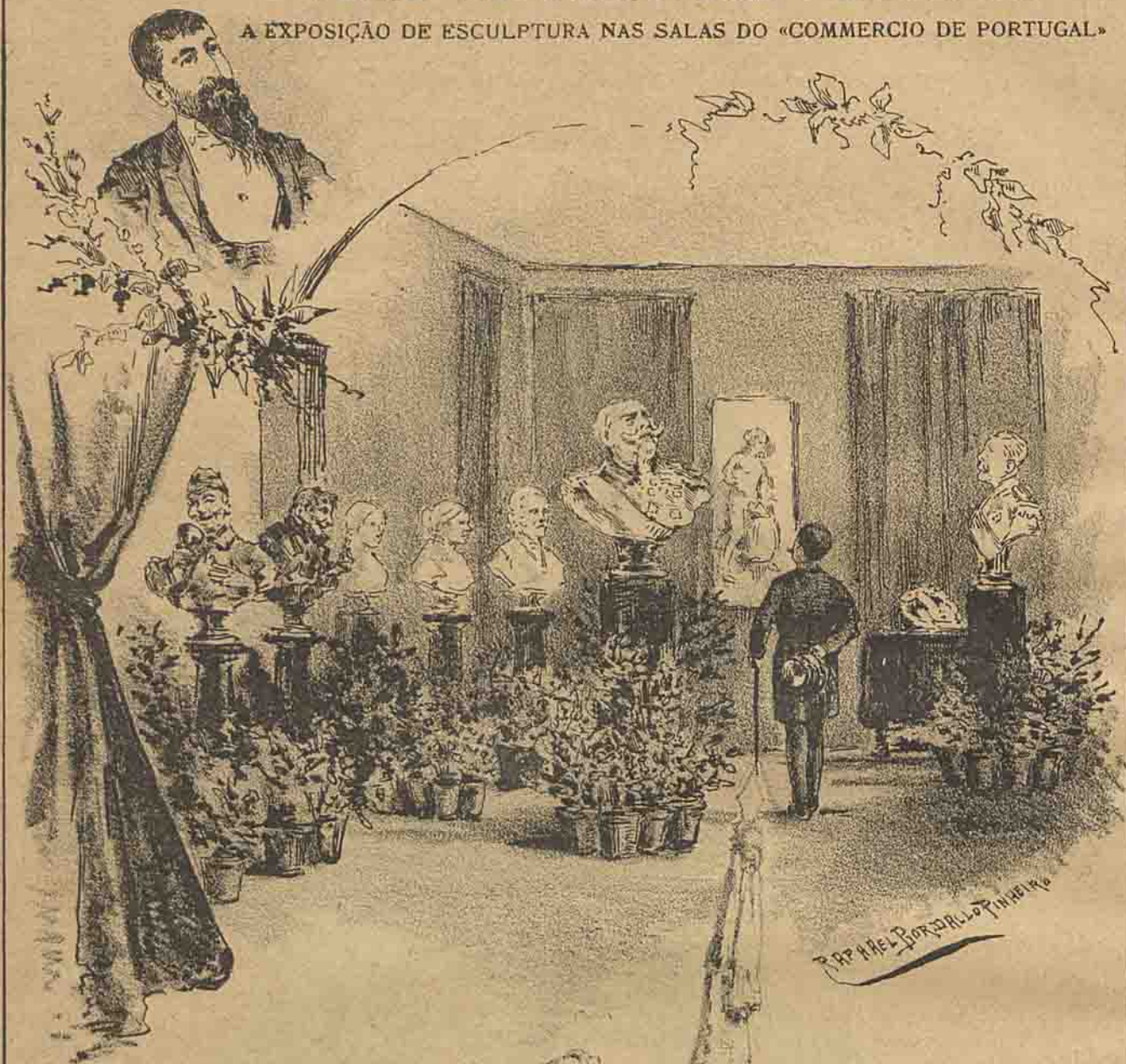
Mas a doença salteou-o e salteou-o rudemente!

Sujeito á provação enorme de longos mezes de enfermidade, encontra-se hoje na situação dolorosa de necessitar o concurso dos amigos para acudir ás exigencias da vida, que elle estava costumado a suprir apenas ao custo do seu trabalho.

É por isso que uma commissão composta de antigos discipulos e amigos dedicados lhe vae promover uma festa, a que todos nós devemos assistir, porque essa fatalidade que feriu hontem o pianista Vieira, poderá prostrar-nos a nós hoje, como derrubar amanhã todos aquelles que, como nós e como elle, vivem exclusivamente do esforço do seu trabalho.

JOSÉ PEREIRA LIMA SANTOS

A EXPOSIÇÃO DE ESCULPTURA NAS SALAS DO «COMMERCIO DE PORTUGAL»



Que é um artista de merecimento demonstra-o positivamente o primor dos seus trabalhos, de que damos um pequeno croquis.

Portuguez dos quatro costados, desde a naturalidade até ao nome — que não pode ser mais genuinamente portuguez — ~~poma~~ é que José Pereira Lima Santos, voluntariamente expatriado, se afeiçoasse tão entranhadamente à ter-



ra do exílio — que Florença, no fim de contas, não é um exílio lá muito custoso de roer...

Tão sinceramente apreciamos os seus merecimentos artisticos, que devéras nos custa vê-lo aqui como simples ave de arribação. quando o nosso desejo fóra que elle viesse para cá estabelecer definitivamente o seu ninho.

POR AHI...

Louvido seja o progresso, que anda tudo falsificado!

A farinha no pão é uma figura de rhetorica. Gesso, gesso cosido, á razão de dois e cinco por kilogramma, é que os padeiros nos mettem no pandulho.

Ha por ahi estomago de criatura christã com mais fantasiosos arabescos em gesso de que os tectos de estuque em sala de brazileiro rico:—tudo mercê de fatias de pão com manteiga!

Manteiga! Outra palavra fementida com que o tendeiro perverso illude a innocencia das suas barricas e a ingenuidade dos seus freguezes! Cebo, meus ricos senhores: cêbo derretido é que vós tendes saboreado na roda da vida, exactamente como aquelle de que os carreiros intam as rodas do carro para que não chiem!

E o vinho? O vinho é collorido com o mesmo pau de campeche de que o tintureiro se serviu para tingir de preto a fatiota clara do vosso respeitavel sogro, no dia em que vós passastes pelo crudelissimo lance de perder a vossa respeitavel sogra.

Ficac sabendo que o vosso interior, ao regressar das hortas, tem exactamente a mesma nuance do exterior do vosso sogro, ao caminhar para a repartição.

* * *

E enfim, se a falsificação se limitasse aos artigos destinados a evoluções intestinaes, ainda a coisa passaria sem reparo, porque lá diz o ditado «olhos que não vêem, coração que não sente.»

Mas não, senhores!

A falsificação, tendo abordado todas as coisas, acabou por abordar o proprio genero humano!

Vede o mendigo, por exemplo.

Antigamente o mendigo era verdadeiro. Arranjado de proposito, isso é verdade, preparado em familia, onde á nascença lhe tiravam os olhos, lhe cortavam as mãos ou lhe aleijavam as pernas:—mas, enfim, era verdadeiro.

E tinha a vantagem de não trabalhar senão na sua especialidade.

Hoje o mendigo não tem nem uma beliscadura e comtudo é uma perfeita encyclopedia de enfermidades, necessidades e aleijões.

Escolhe o genero que mais lhe convém, hoje este, amanhã aquelle, conforme o meio em que tenha de exercer a sua industria.

É cego, surdo, mudo, aleijado, faminto, paralytico.

Assim, por exemplo, se entra no Ribeiro, oculista, já sabe que o fraco dos bemfeitores é a vista fraca, uma vez que ali vão a prover-se de lunetas.

—Almas caridosas que ainda podeis enxergar a luz do dia! Lembrae-vos do infeliz ceguinho para quem não ha oculos nem binoculos que lhe façam ver um palmo adiante do nariz!

E o myope, vibrado na corda sensível da falta de vista, escorrega os caridosos cinco réis.

Á porta do Baltresqui, o ceguinho passa a ser faminto.

—Generosas mães de familia, cujas eriancinhas loirinhas tem as suas boquinhas atulhadinhas de pasteis de nata! Soccorrei o pobre faminto com uma bucha de pão de rala, para que elle não tenha de recitar, ao sair as portas das Picóas:

«Mal hajas, cidade que ao pobre faminto
O pão da disgracia negastes cruel!»

E as sensiveis mães, com uma lagrima no olho esquerdo e um vintem na mão direita, habilitam o mendigo a ir d'ali direitinho como um fuso provar dois decilitros do tal pau de campeche a que acima nos referimos.

No Largo das Côrtes, junto á entrada do parlamento, o ceguinho da rua do Oiro e faminto da rua dos Capellistas muda para outro genero de enfermidade com que explora os sentimentos caridosos dos illustres deputados.

—Pacs e mães de caridade, que tambem exercis o mister de pacs da patria! tende compaixão d'um miserero desgraçadinho que é surdo-mudo de nascença! Dizei-lhe uma palavra de consolação e dae-lhe um vinteminho de esmola!

E o illustre deputado, commovido até á lagrima por encontrar assim no pégo da miseria um seu collega mudo de nascença, dá o vinteminho solicitado, não dando a palavra de consolação porque quem dá o que tem não é a mais obrigado.

E ainda se as falsificações se dessem apenas no genero humano e nos generos alimenticios...

Mas qual!

Ellas estendem-se até aos papeis de character official!

Quer o leitor pagar uma conta [que deve na provincia e manda, para satisfazel-a, o seu importe em estampilhas do correio.

Na volta do dito correio recebe: as estampilhas devolidas e uma carta chamando-lhe ladrão.

As estampilhas eram feitas em casa pelo *Pera de Satanaç!*

Junta o leitor algumas economiasinhas e resolve empregal-as com segurança comprando titulos de thesoiro.

D'ahi a tempos precisa de dinheiro e quando vae a transaccionar na bolsa dizem-lhe que os seus titulosinhos só tem cotação nas lojas de mercearia, para cartuchos de embrulho, visto serem da lavra do Cyrillo Pera de Carvalho!

E por cima de tudo isto, como se o mundo fosse curto para a falsificação se esparguicar á sua vontade, até a propria lua anda agora falsificada!

Dantes era ella que tinha o privilegio de inspirar os poetas, o exclusivo de determinar os partos, a particularidade de superintender no movimento das marés e a virtude de influir no desenvolvimento do pepino.

Hoje os poetas, como Musset, em vez de se inspirarem na casta Dhelia, poem-se a catar-lhe na cabeça e veem depois dizer em verso que lhe encontraram ali os celebres adornos por onde tem feito carreira não só os bois da Beira como algumas pessoas muito bem relacionadas!

As grandes marés, annunciadas como marés de encher o olho, não enchem afinal coisa nenhuma, porque a lua importa-se hoje tanto com o serviço das marés como um empregado publico se importa com o serviço da repartição.

Os partos, vaticinados para o dia tantos de tal, a horas tambem tantas e minutos egualmente tantos, passam d'uma lua para a outra como o leitor passa da sopa para o cosido!

AS AMAS E OS BRINQUEDOS DE BÉBÉ



A AMÃ DE LEITE

A AMÃ SECCA

O Correio da Manhã publicou o retrato da ama do novo príncipe. Esse retrato não só parece absolutamente nada com o original. A verdadeira ama por partidas dobradas, isto é, a secca e a de leite, bem como os brinquedos, o polichinello, a bola de borracha, etc., tem um só e o mesmo aspecto. É este de que damos o retrato; copiado d'après nature

Estamos saltando de contente com a coincidência do príncipe haver nascido no mesmo dia em que nós nascemos — com a pequenina diferença d'uns 40 annos...

D'aquí por diante teremos luminarias, salvas de artilheria e recita de gala em todos os anniversarios natalicios, Foi pechincha ainda maior de que se nos saísse a sorte grande n'uma cautella de 25!

RAFAEL BORDALLO PINHEIRO

Depois da metamorphose porque a falsificação acaba de fazer passar a lua, só nos falta que esta já não tenha também influencia no desenvolvimento dos pepinos...

E principiamos a acreditar que realmente assim é —cá por causa d'uma coisa...

A princeza deu um «ai»
Que todo o prédio abalou;
D. Carlos sentiu-se pac
D. Luiz sentiu-se avô.

Qual em pernas de ginetes
Foi-se o «ai» lesto e vivaz,
I evar a nova aos foguetes
Que fizeram «pás-pás-pás.»

E o «pás-pás-pás» correu logo
Ligeiro como nenhum;
Os morrões pegaram fogo
E as peças fizeram «pum!»

E o «pum» voando, dizia:
— Nasceu o regio varão!
E os sinos da freguezia
Tocaram «tão-ba-la-lão!»

E o «tão-ba-la-lão» n'um pé
Mais ligeiro que o dos gamos,
Foi-se ao cabido da Sé,
Que cantou «Te Deum Laudamus».

E o «Te Deum» seguiu caminho
Correndo com um possesso,
Foi-se a casa do *Povinho*
Dar-lhe parte do *successo*.

E o povo disse, sem prantos:
— Não me faz transtorno algum;
Mesa onde comem já tantos
Deve chegar p'ra mais um...

PAN-TARANTULA.



CONTOS EM BRANCO

A falta de espaço obriga-nos hoje a retirar a explicação do ultimo conto.

As honras do primeiro conto publicado couberam a *Pompilius*, que abischoitou, além das referidas honras, o brinde do formoso livro promettido.

Quanto ás honras e ao brinde do segundo conto, ficam em salmoira até a semana proxima.

D'aqui até lá, todos os candidatos já propostos e os mais que porventura ainda venham a propôr-se, podem ir, cada um de per si, afugando a lisongeira esperança de que venham a competir-lhe brinde e honra.

E' uma coisa que não prejudica nenhum dos outros e que sempre traz a vantagem de dar a todos uma semana de alegrão como nunca apanharam em dias de sua vida.



A ESPADA D'HONRA

Como foi a cerimonia da entrega da espada, segundo nos refere de Berlim uma testemunha presencial.

Disse alguem ao rei Guilherme:
— Um comboio do occidente,
Vem, veloz qual pachyderme,
E p'ra vós traz um presente.

E o rei mandou transportal-o
Ao seu salão azulioio,
A matutar: — Que regalo
Trará dentro este comboio?..

Aberto o comboio a trote,
P'ra saber-se o que elle encerra,
Acha-se dentro um caixote,
Feito de pinbo da terra!

Dando voltas ao bestunto
O rei scismava sosinho:
— Que trará dentro, pergunto,
Este caixote de pinho?

Partido o caixote ao centro,
Tudo, entre pasmos, exclama:
— Este caixote, cá dentro,
Só traz algodão em rama!

Guilherme, dobrando o vulto,
Assombrado e com razão,
Indaga: — O que vem occulto
Dentro de tanto algodão?

Afastado, n'um virote,
O algodão mimoso e fino,
D'esse algodão do caixote
Sae p'ra fóra um Zé Paulino.

Brada o rei impertinente:
— Matuto, mas não atino.
Que demonio do presente
Trará dentro o Zé Paulino?

Aberto o Paulino ao meio,
Viu a côrte, muda e quêda,
Que lhe brotava do seio
Um lindo estojo de sêda!

Dobrado mais pelo umbigo,
Pensa o rei, quasi de rojo:
— Debalde scismo commigo
O que virá n'este estojo?

Aberto o estojo a vapor,
P'ra saber-se o que elle tinha,
Viu-se sair do interior
Uma formosa bainha!

E o Guilherme, já de trombas,
Tomando a côr d'um coentro,
Diz: — Vejam lá, com mil bombas!
O que a bainha traz dentro!

Erguendo a curva espinhela
Diz o rei p'ra os seus vassallos:
— Uma espada toda bella...
P'ra á noite aparar os calos!..

PAN-TARANTULA.



PRECOCIDADE

O pae era feroz.
As filhas namoradeiras.
Os petizes do collegio fronteiro atrevidos.



Um bello dia, em plena rua, as cartinhas do estylo, no estylo do costume, passavam de mão para mão.



O pae cocára.
—Dê cá a carta, exigiu á Mariquinhas. Mas a Mariquinhas já a passára para a Maricotas.



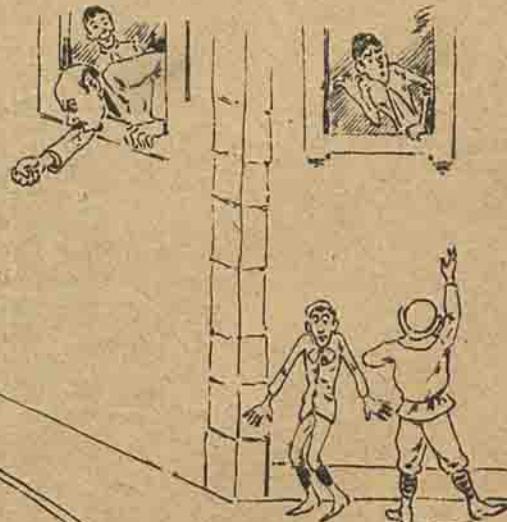
—Dê cá a carta! intimou, voltando-se para a Maricotas. Mas a Maricotas já dera a carta á Mariquinhas.



A casa era de esquina. Elles em baixo, cada um na sua rua, ellas em cima, cada uma na sua janella...
—Agora apanhei-as! berrou o pae.



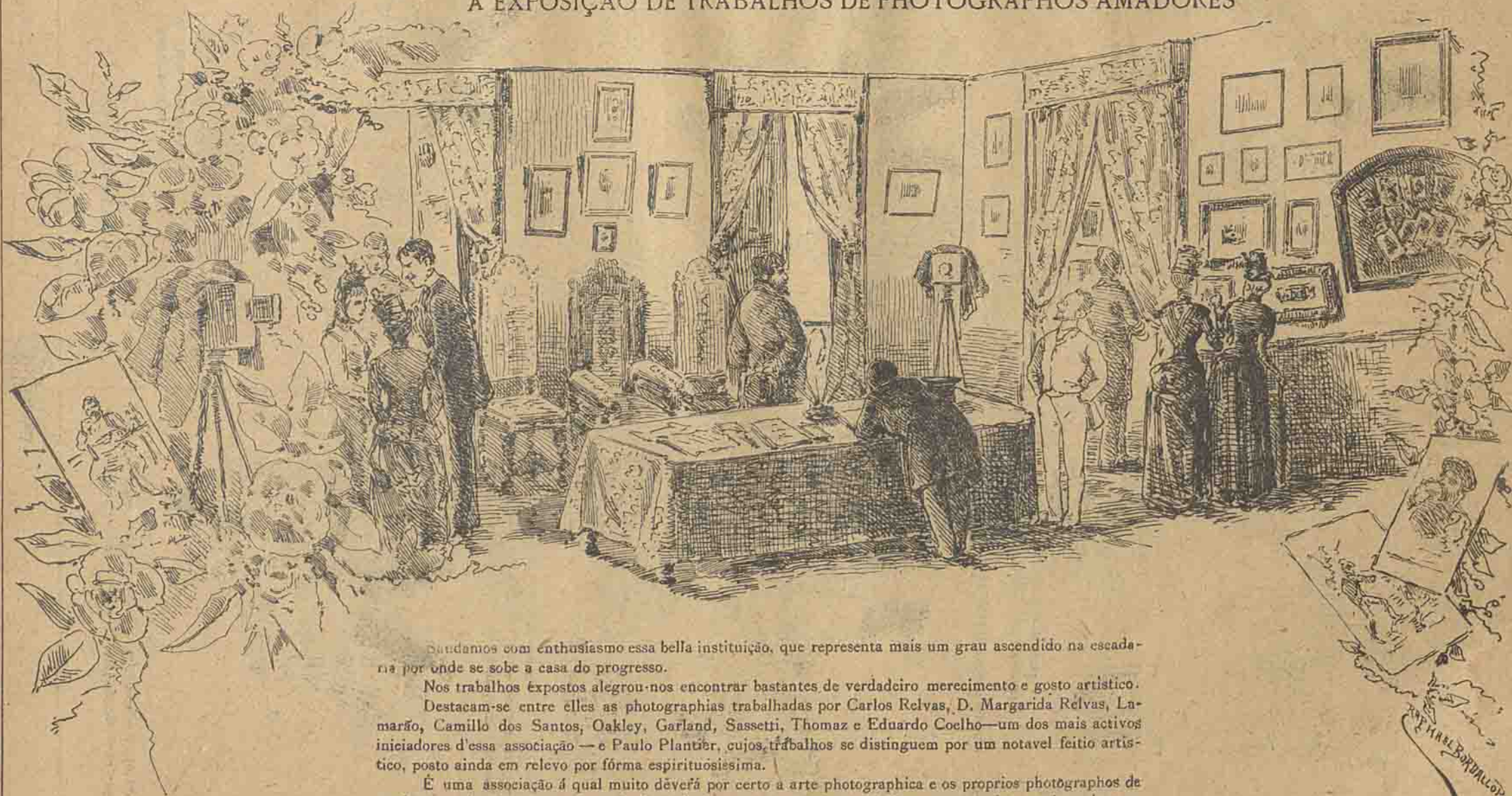
—la jurar que tinha ouvido fallar alguém... Mas
«Fallo, ninguem me responde,
Olho, não vejo ninguem!»



de Agostino Bordini

(Conclue no proximo numero.)

A EXPOSIÇÃO DE TRABALHOS DE PHOTOGRAPHOS AMADORES



Damos com enthusiasmo essa bella instituição, que representa mais um grau ascendido na escadaria por onde se sobe a casa do progresso.

Nos trabalhos expostos alegrá-nos encontrar bastantes de verdadeiro merecimento e gosto artistico. Destacam-se entre elles as photographias trabalhadas por Carlos Relvas, D. Margarida Relvas, Lamarão, Camillo dos Santos, Oakley, Garland, Sasseti, Thomaz e Eduardo Coelho—um dos mais activos iniciadores d'essa associação— e Paulo Plantier, cujos trabalhos se distinguem por um notavel feitio artistico, posto ainda em relevo por fórma espirituosissima.

É uma associação á qual muito deverá por certo a arte photographica e os proprios photographos de profissão, cujos interesses não prejudica, visto como não exetuta trabalhos remunerados, sendo, pelo contrario, que virá a desenvolver entre nós o gosto pela photographia.

THEATRO BARBUDO